

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 157 1 DE MAIO 1883	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	650	120		
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	—	—		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	—	—		

AVISO

Com este numero é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento — **MOSTEIRO DE ALCOBACA — CLAUSTRO DE EL-REI D. DINIZ.**

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais que se publicarem no corrente anno, todas as pessoas que tomarem a assignatura d'este periodico por um anno.

Para os compradores avulso este supplemento custa 400 réis, com o periodico 500 réis, o periodico só 120 réis.

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma das coisas mais divertidas que eu conheço hoje em Lisboa é a indignação com que certos criticos acolhem as traducções e imitações nos theatros portuguezes, e o entusiasmo santo com que pedem originaes.

E acho isso muito divertido por uma razão muito simples, e em que já aqui fallei mais de uma vez, pela maneira como a critica recebe os originaes quando elles apparecem nos nossos theatros do lá vem um.

Conta-se uma anedocta velhissima d'um marido que brutalisava cruelmente sua mulher, que a matava á fome, mas que ostentava para o publico ser o mais carinhoso e amavel dos esposos.

E então, quando jantava diante de gente de fóra, dizia a sua mulher com um ar affabilissimo:

— Então menina, come, pelo amor de Deus, sou eu que t'o peço. Então...

E ao mesmo tempo dizia-lhe em voz baixa, ao ouvido:

— Se mettes a mão no prato corto-t'a.

O publico e uma parte da critica portugueza, pratica com os originaes, do mesmo modo que o tal marido com sua esposa.

Diz extremosamente aos auctores:

— Façam originaes, meus senhores, então por quem são... venham originaes.

E em voz baixa murmura-lhes ameaçadora:

— Se fazes um original desanco-te.

Eu sinto, perfeitamente que estou sendo massador, com este assumpto; mas a culpa não é minha, é de Lisboa que lhe dá actualidade cada vez que apparece um original.

E vamos lá que podia ser muito peor; o que lhes vale, meus leitores, é que os originaes só apparecem de anno a anno.

D'esta vez refaz a actualidade d'estas minhas

considerações sobre o theatro portuguez, o publico e a critica lisbonense, a peça do sr. Furtado Coelho.

Da outra vez, levou-me ao assumpto a peça do sr. Cypriano Jardim, *O Casamento Civil*.

D'ambas as vezes, por uma coincidência singular e perfeitamente casual não vi representar nenhuma das peças.

A *marquezinha* porém conheço-a de leitura, e se lastimo por meu prazer proprio, não ter podido assistir á representação nem d'uma nem d'outra, não me causa isso o minimo embaraço

para a minha these, e pelo contrario até me põe mais á vontade para tratar o assumpto genericamente, sem me deter na analyse dos criticos, nem me poder levar por parcialidades.

A minha these é ainda a mesma, é que geralmente, salvo raras excepções o publico e a critica que passam a vida a pedir peças originaes são demasiadamente severos, ou inteiramente indifferentes para com ellas quando ellas apparecem.

E antes de proseguir repito hoje uma nota que tambem já fiz em tempo: a pessoa que escreve estas linhas tem sido por uma excessiva benevolencia do publico e da critica uma d'essas raras excepções, o que tira ás minhas palayras toda a apparencia d'azedume individual, ou de desforra d'auctor despeitado.

Se se tratasse de mim eu calar-me-hia seguramente, não se trata de mim, trata-se de collegas meus em ambos os campos tanto no do jornalismo como no do theatro, e eu não trato individualmente d'este ou d'aquelle, nem parcialmente d'este ou d'aquelle caso, trato do que me parece regra geral, e do que julgo ser uma das causas principaes da decadencia visivel e enorme da litteratura dramatica portugueza.

O publico e a critica em frente d'uma peça original, armam-se de uma severidade e de umas exigencias, que não tem em frente das peças estrangeiras. Quantas comedias não ha por ahí applaudidas e victoriadas — e quem anda na vida de theatros sabe-o tambem como



LUIZ VEUILLOT — Fallecido em 7 de abril de 1883

eu — que teriam cahido na primeira noite se fossem originaes.

O *Piperlin* por exemplo, o *armario das afflicções*, de certo não teriam chegado ao fim na primeira noite se em vez de virem chancellados de Paris pelo successo, fizessem as suas provas como originaes.

E fora d'este genero de *charge* a que o publico não está completamente affeito em Portugal, e só recebe como ligurino francez, tambem se dá o mesmo caso.

Pozessem a *Odette* original portuguez, e o *Luxo* como *successo* parisiense e veriam para onde pendia o exito.

Mas admitindo mesmo que o rigor da critica e do publico não se exagera em face d'um original e é exactamente o mesmo com que analysa uma peça estrangeira — que não é — esse rigor é illogico profundamente.

Abstrahindo completamente os talentos excepcionaes de Augier, de Dumas, de Pailleron, de Sardou, admitindo mesmo que em Portugal haja muitos talentos eguaes a esses, a critica, senão o publico — e no fim de contas ambos porque ambos clamam contra a falta d'originaes — deviam attende ás condições seguintes.

Primeiro, que as peças de Dumas, de Augier, de Sardou, de Pailleron, que elle aqui applaude, e com que compara os originaes portuguezes, são as melhores d'elles, são escolhidas d'entre as de *successo*, e são muitas vezes a decima ou vigesima peça d'esses auctores, a quem uma terça parte d'ellas pelo menos tem cahido na difficil aprendizagem de theatro.

Segundo, que esses auctores gastam annos a escrever uma d'essas peças, porque mesmo as peças que cahem em Paris dão aos seus auctores, em direitos, dez vezes mais que dão os maiores successos de Portugal.

Terceiro, que esses auctores tem ao seu dispor para representar as suas peças os theatros de Paris com todos os seus enormes recursos, que mandam como senhores absolutos nos theatros que não só lhes aceitam as peças de braços abertos, mas lh'as pedem de mãos postas; que escolhem por todos os theatros de Paris os artistas de que necessitam para lhes crearem os seus personagens, que não se lhes regateia o mais pequeno promenor de *mise-en-scene*.

E ao passo que se dá isto, textualmente, com as peças estrangeiras, que constituem o repertorio habitual do theatro portuguez, e escolhidas á vontade no que ha de melhor no repertorio francez, a critica e o publico deviam attende a que, mesmo que os auctores portuguezes sejam todos Dumas e Sardous, as suas peças são as suas primeiras armas, — poisque, que demonio vem a ser tres ou quatro peças, ao pé das trinta a quarenta peças que constituem o catalogo d'esses auctores — que os originaes portuguezes tem que ser feitos a correr, n'um mez ou dois, porque os grandes *successos* não dão monetariamente para viver mais do que esse praso; que em Lisboa geralmente são os auctores que pedem ás empresas que lhes ponham em scena os originaes — que tem de se submeter ás figuras da companhia, e restringir as suas concepções dramaticas, aos recursos artisticos d'essa companhia ordinariamente deficientes; que tem de subordinar a sua *mis-en-scène* ao que ha no theatro — e sabe-se o que em geral é — porque as empresas ou não tem dinheiro ou não se atrevem a gastal-o com um original.

E comprehendendo perfeitamente, que em theoria generica, a critica não tem nada que ver com isto e só tem que ver com a peça, em pratica especial, visto que a critica e o publico clamam por originaes, e se insurgem declamatoriamente contra a abundancia de traducções, o publico e a critica tem restricta obrigação de attende a todas estas circumstancias, e de em vista d'ellas pronunciarem o seu juizo.

Porque d'ahi é que poderia vir uma transformação salutar n'este estado de coisas.

Sim, porque no fim de contas isto todo encadea-se, faz lembrar aquella historia do macaco, que da navalha faz farinha, da farinha faz sardinha, da sardinha faz pandeiro, que nos contam em creança.

Do excessivo rigor da critica para com os originaes, nasce a má vontade do publico, da má vontade do publico, a pouca vida d'elles em scena, d'essa pouca vida, o perjuizo das empresas que os monta, d'esse perjuizo, a repugnancia em accetal-os, d'essa repugnancia, a falta de auctoridade aos auctores para imporem as suas condições, d'essa falta de condições, a exiguidade de direitos, d'essa exiguidade de direitos, a impossibilidade material de fazer uma peça com a consciencia, o escrupulo e o tempo que ella requer, d'essa impossibilidade as imperfeições e in-

correcções inherentes a todos os trabalhos feitos á pressa.

Ora eu não quero com isto de fórma alguma pedir pelo amor da arte a esmola do elogio da critica e do applauso do publico para todas as obras originaes; o que quero é conjurar essa hostilidade evidentissima, que se traduz em apreciações violentas, que não servem de ensinamento, mas simplesmente de desanimo, e que tem já afastado desgostosos da scena, talentos notabilissimos de quem o theatro portuguez podia e devia esperar muito: escuso de citar nomes, todos os sabem.

Quando apparece um original, a critica — fallo na generalidade — apparece armada de lança em riste; ella tão bonacheirona, tão *bonne-fille*, para as peças estrangeiras, torna-se n'uma matrona grave, sizuda, austera, e em vez de apreciar serena e desapaixonadamente a obra d'arte, contenta-se em desancal-a.

É isto o que tem acontecido n'estes ultimos tempos: foi isto que aconteceu ao *Drama do Povo*, foi isto que aconteceu ao *Luxo*, foi isto que aconteceu ao *Casamento civil*, foi isto aproximadamente, com mais ou menos duas amabilidades triviaes, que nada querem dizer, que aconteceu á *Marquêsinha*, que viveu uma semana apenas no Gymnasio, tendo por espectadores os bancos.

E depois d'isto a critica continúa a clamar que não ha originaes, a gritar por elles e a queixar-se da abundancia das traducções.

Tenho gasto espaço de mais com isto, mas tudo isto é preciso dizer-se francamente, simplesmente, sem despeitos, sem rancores, sem allusões pessoas e pequeninas, que é o que perde todas as questões na nossa terra.

Todos nós que fazemos jornalismo, deviamos unir n'esta crusada pelo theatro portuguez, deixarmos em casa todas as más vontades, todas as hostilidades, todas as represalias e pensarmos apenas em fazer justiça direita, imparcial, séria, tendo sempre em vista as circumstancias excepcionaes do nosso meio artistico e litterario.

A estação theatral de Lisboa está a balbuciar as suas ultimas palavras, para a chronica. Este anno acaba mais cedo do que o costume, porque a companhia do Gymnasio parte para Madrid, a primeira exportação de theatro portuguez para as terras de Hespanha, e a Trindade com o seu grande successo da *Volta do Mundo*, não pensa em mais peças para esta epoca.

D. Maria seguindo-lhe o exemplo, prepara tambem uma ultima palavra, que leve dois mezes a dizer — O *drama no fundo do mar*, que sobe á scena no dia 5, e que tem um scenario apparatuso feito por Manini, de que nos dizem maravilhas.

O sr. Freitas Brito, depois de nos ter dado as noites entusiasticas da Pasqua e da De Reszké, mandou vir de Hespanha uma zarzuela para o Coliseu dos Recreios. Escrevemos exactamente á sahida da estreia d'essa zarzuela, e como se trata de hespanhoes, elles devem estar contentes, se é verdade que os hespanhoes não gostam de ver bons principios aos filhos.

Efectivamente essa estreia, que teve uma enchente enorme, não foi de pé direito.

A peça cantada *La Tempestad*, é uma zarzuela séria, cheia de pretensões dramaticas, e que a não ser aqui e ali, no concertante final do 2.º acto, por exemplo, que é bonito, massou extraordinariamente o publico.

Zarzuelas, só as puras zarzuelas hespanholas, sem italianismos, com o caracter vivo, ardente, alegre das habaneras, das jotas, dos tangos, das malagueñas, se podem ouvir com enthusiasmo, o *Barberillo de Lavapiés* e os seus companheiros.

Além d'isso a companhia, pelo que se viu na primeira noite, não é para acender grandes enthusiasmos, e ao ver e ouvir a sr.ª Castañon e a sr.ª Toda, a gente pensava na Moriones, na Dupuy, na Cortez, e tinha saudades.

Entretanto não se podem aventar juizos n'uma primeira recita e esperemos pelo resto da companhia e pelo resto do repertorio.

Á sahida do Coliseu recebi uma noticia que me contristou deveras — a da morte do pobre Faria, d'esse infeliz actor, que ha mais de dois annos morrera para o mundo, e penava no hospital.

Faria teve na sua vida artistica um momento de celebridade, e dois papeis creou elle, que nunca serão excedidos, nem talvez equalados: o general Boum e o gallego das *Intrigas do Bairro*.

Não temos pormenores ainda ácerca da sua morte, nem tivemos tempo de os procurar a respeito da sua vida.

Fal-o-hemos em breve, porque Faria tem dois grandes titulos á nossa sympathia e consideração:

o talento, porque o tinha; a desgraça, porque soube bem o que ella era!

Descance em paz!

— Na necrologia de Lisboa inscreveu-se tambem n'estes ultimos dias um nome illustre no mundo economico e commercial, o nome de Serzedello Junior.

Registamos apenas a sua morte com o sentimento que nos inspiram todos os homens honrados, e todos os trabalhadores serios e convictos, deixando para mais tarde ao OCCIDENTE a honra triste de se occupar mais demoradamente d'esse morto tão illustre e tão chorado!

Gervasio Lobato.

O NOSSO SUPPLEMENTO

CLAUSTRO DE D. DINIZ EM ALCOBAÇA

Coevo com a fundação da monarchia é o magestoso convento d'Alcobaça, um dos exemplares mais perfeitos do gothico puro em Portugal e que menos estragos tem soffrido do tempo e dos homens.

Foi em 1147 que Affonso Henriques tomou o castello, que depois foi retomado pelos musulmanos e finalmente logo reconquistado por D. Sancho I que o reconstruiu, não sahindo mais do poder dos Christãos.

Diz a lenda que quando Affonso Henriques conduzia a expedição com que veio apoderar-se de Santarem, ao chegar á serra de Albardos fizera voto de construir um mosteiro e de dar a S. Bernardo e aos seus frades tudo o que d'alli descobria, se fosse bem succedido.

Que fizesse a promessa, mais ou menos extensa, é muito natural, agora o que não fez, com certeza, foi a doação que depois appareceu, documento evidentemente forjado pelos frades para estenderem o seu dominio.

Fosse por este ou outro motivo, Affonso Henriques lançou a primeira pedra do grande mosteiro em janeiro ou fevereiro de 1148, o qual levou quarenta annos a construir, ficando concluido durante o reinado de Sancho I.

O mosteiro de Alcobaça pois com o da Batalha, com o dos Jeronymos de Belem representam tres epocas gloriosas da nossa historia.

Até D. João I foi este o monumento querido dos nossos reis, e allí jazem muitos d'elles e suas esposas; allí se veem os tumulos de D. Affonso II e da rainha D. Urraca, de D. Affonso III e da rainha D. Brites, de D. Pedro I e D. Inez de Castro, e de outros infantes e infantas.

Tem o convento cinco claustros, sendo o mais notavel, e que a nossa estampa representa, o de D. Diniz.

AS NOSSAS GRAVURAS

LUIZ VEUILLOT

Desappareceu da arena litteraria e principalmente da imprensa periodica, fallecendo a 7 de abril ultimo em Paris, este valente e aspero lutador, que tomou sobre os hombros a tarefa difficil e grandiosa de defender o catholicismo, essa instituição religiosa secular, e de combater tudo quanto a aggedria.

Certamente se Luiz Veullot tivesse sempre, como um Tertuliano, combatido os adversarios com as armas da razão e da singeleza, seria mais respeitado, mas não veria talvez o seu nome tão vulgarisado. Seguindo diversas opiniões politicas, segundo os tempos se apresentavam, deixa-nos em duvida se devemos crer na sua palavra, como producto das suas convicções profundas, ou se o devemos julgar como um homem sem convicções segundo affirmam os seus adversarios.

Seja o que for, a verdade é que Luiz Veullot foi um talento superior, que como jornalista vigoroso, como polemista indomavel, não teve superior no seu tempo, que foi um artista da palavra, e que a prosa franceza contará n'elle mais um modelo, com o seu tanto ou quanto de Rabellais e Saint Simon.

Nascido em Boynes (Loiret) a 11 de outubro de 1813, teve por pae um tanoeiro, como Proud'hon, e como este apenas recebeu na escola uma instrucção magrissima. Havendo uma quebra consumido as pequenas economias do pobre operario, teve que vir para Paris em 1818, onde, felizmente foi empregado n'uma casa industrial, em quanto sua mulher ganhava alguns cobres n'uma quitanda, onde vendia bebidas espirituosas.

Entregue a um mestre de instrucção primaria, que tinha um gabinete de leitura, e encarregado por este, muitas vezes, de ir levar livros a casa dos seus freguezes não perdia a occasião de fa-

RICARDO WAGNER

II

A descripção dos principaes poemas das partituras de Wagner, além de interessantissima em si mesma, serve a fazer comprehender muitos dos pontos importantes do systema do notavel reformador da musica moderna:

Na sua viagem por mar de Riga, a Inglaterra, com destino a Paris, Ricardo Wagner ouviu aos marinheiros escandinavos, com o acompanhamento das tempestades do mar do norte, a lenda phantastica do *Hollandez voador*:

Um capitão d'um navio hollandez blasphemou um dia contra Deus, durante uma tempestade, e foi condemnado a navegar errante e sem repouso, sobre o seu navio, de mar em mar. Era-lhe permitido porém, de 7 em 7 annos, descançar um dia em terra; e, se alguma vez uma mulher o amasse, quizesse desposal-o, e se lhe conservasse fiel até á morte, essa mulher seria o seu anjo redemptor: a culpa estaria perdoada.

Senta, filha d'um marinheiro das costas da Noruega, cantava pensativa a lenda do *Navio phantasma* quando seupae, de volta d'uma longa viagem, lhe apresentou um rico capitão que a queria desposar. Senta advinhou no recémchegado o pobre condemnado que ella tantas vezes pensara remir com a piedade do seu amor, e, quando o *Hollandez* lhe declara quem é, e foge d'ella sobre o navio infernal, para a não ligar ao seu destino maldito, duvidando da fidelidade eterna do seu amor, Senta precipita-se no mar, fiel até á morte: por isso logo se vê a sua alma ascender ao céo, abraçada á do *Capitão Hollandez*, em quanto o navio phantasma se afunda, no largo oceano onde as tempestades, logo, subitamente se desfazem.

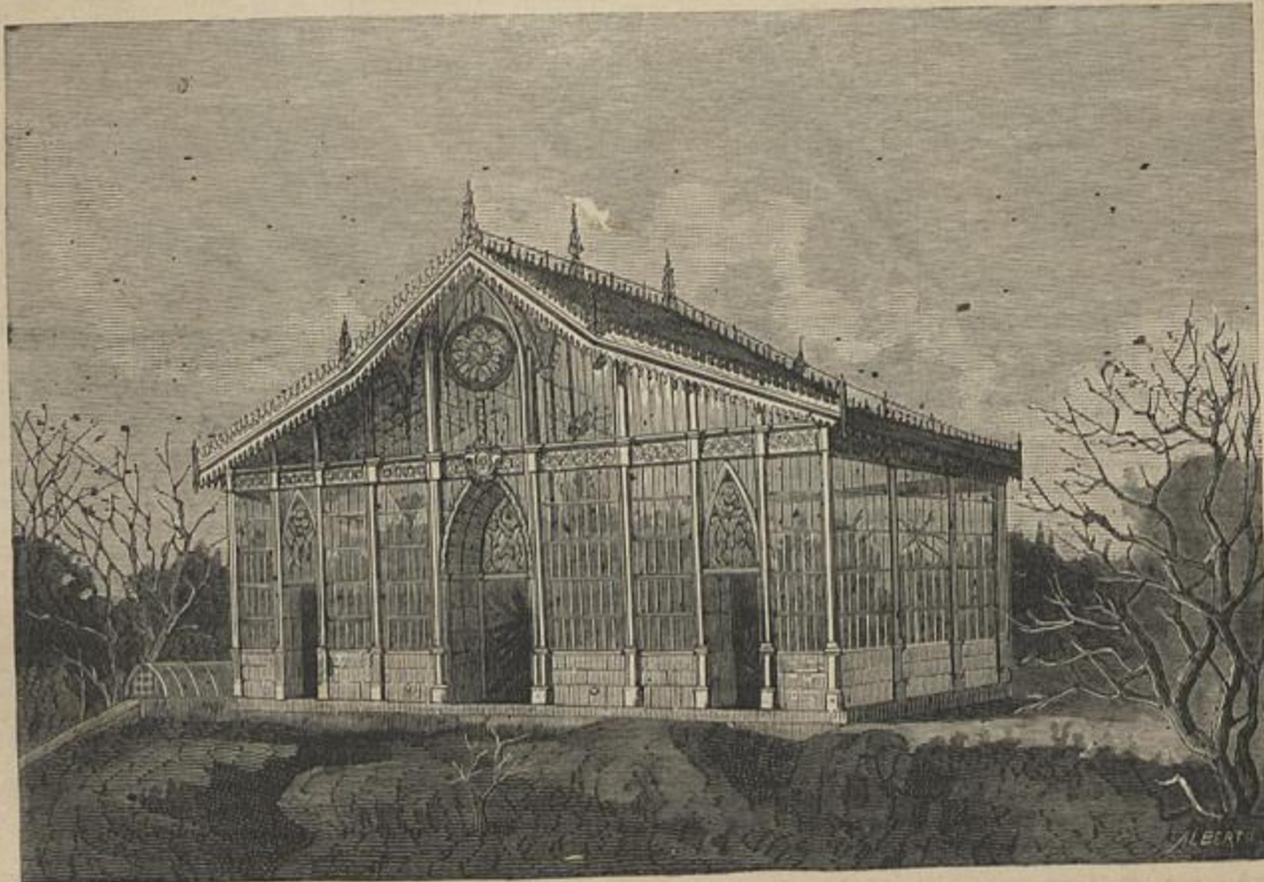
Perto de Eisenach, e em frente do castello de Wartburg, na viçosa Thuringia, vê-se uma montanha arida e severa: ainda hoje lhe chamam a *Venusberg*, a *montanha de Venus*, ou o *Hörlesberg*.

Diz a lenda da idade média, que alli vivia, em grutas maravilhosas, e cercada de bacchantes, de faunos e de sereias, Venus, a deusa antiga do amor sensual. Os viajantes que se mettiam nos desvios da montanha eram atraídos por cantos seductores, e perdiam, em voluptuosidades



D. PEDRO V REI DO CONGO

(Segundo uma photographia) Vid. artigo Major João Carlos Ribeiro, etc.



INDUSTRIA PORTUGUEZA — ESTUFA PARA PLANTAS, NA QUINTA DA LAVANDEIRA, EM OLIVEIRA DO DOURO

Propriedade do sr. conde da Silva Manteiro — (Segundo uma photographia)

sobrehumanas, a alma, a graça de Deus.

Ahi viveu *Tannhäuser*, cavalleiro do seculo XIII, durante 7 annos. A saciedade dos prazeres sensuaes, as recordações religiosas da mocidade, e os remorsos do seu peccado mortal, fazem porém um dia com que *Tannhäuser*, invocando a Virgem Maria, se arranque dos braços de Venus.

No castello de Wartburg o Landgrave da Thuringia reúne os melhores trovadores do tempo, n'um torneio poetico a que preside sua sobrinha, a pura e formosa Isabel. N'esse mesmo dia alguns peregrinos a caminho de Roma pedem hospitalidade no Castello.

Allucinado pelas recordações dos seus passados amores, *Tannhäuser*, entoa, ante Isabel que o ama, e a côrte reunida do Landgrave, o elogio do amor sensual que elle gosara na montanha de Venus. Pelo terror que inspira o impuro *Tannhäuser* volta a si e parte com os peregrinos para Roma e pedir ao santo padre remissão do seu immenso crime. Mas o Papa recusa-se a absolvel-o e *Tannhäuser* volta á Thuringia a procurar de novo o caminho das grutas fataes e deliciosas para onde Venus, apparecendo-lhe n'uma visão, o attrahe ainda. E' então que passa, descendo do Castello de Wartburg o enterro da santa Isabel que se deixara morrer, de amor e de saudade, para ir no céo alcançar de Deus o perdão de *Tannhäuser*.

Perante o rei Henrique da Allemanha, Frederico de Telramund, que desposára Ortrude, descendente dos antigos reis da Frisa, acusa Elsa, duquesa do Brabante, de haver feito desaparecer seu irmão o herdeiro legitimo do ducado. O rei ordena um combate judiciario para decidir da verdade da accusação pelo juizo de Deus, mas nenhum cavalleiro do Brabante ou da Saxonia se atreve a desmentir e a combater o valoroso conde de Telramund, vencedor dos dinamarquezes. Então, descendo o rio Escalda n'um barco puxado por um cysne, vê-se chegar um cavalleiro, em defeza de Elsa, proclamar a sua innocencia.

Antes porém de combater, o cavalleiro mysterioso, que Elsa já tem visto e amado em sonhos, pede a esta, que vae ser sua esposa se elle ficar vencedor, a promessa de que nunca procurará saber nemquem elle é, nem d'on-

de veiu. Frederico de Telramund é vencido, e o cavalleiro do cysne desposa, ante o rei da Alemanha, Elsa de Brabante.

Mas, na primeira noite do noivado Elsa, incitada por Ortrude, pergunta ao seu salvador o nome e a origem. O encanto desfaz-se:

O calix pelo qual o Christo bebeu na ultima ceia, e que recolheu o sangue do seu coração no Calvario, foi confiado, n'um templo inacessivel, á guarda de valerosos e puros cavalleiros.

Um d'elles é *Lohengrin*, o cavalleiro do cysne, que correndo a defender a innocencia accusada de Elsa, só poderia ser esposo d'ella durante um anno, se não tivesse de revellar quem era.

A desconfiança e a curiosidade, insidiosamente excitadas em Elsa, obrigaram-n'o a fallar: *Lohengrin* deve partir.

O Cysne apparece de novo conduzindo o barco

surprehendidos pelo rei Marke. *Tristão* é ferido em duello pelo homem que o denunciára e é transportado para o seu castello na Bretanha.

Ahi, agonisante, *Tristão* faz por muito tempo como que recuar a morte diante do desejo ardente, infinito, sobrehumano, de ainda uma vez ver *Isolde*...

Isolde chega com effeito; e o rei Marke vem tambem para perdoar e unir os dois amantes... mas *Tristão* morre.

•••

As filhas divinas do *Rheno* guardam, no seu seio, o ouro sagrado que dará a posse do mundo a quem o conquistar e a quem poder com elle forjar um *annel*.

Alberich, o *Nieblung* chefe dos annões e

de sua irmã, que é já tambem a sua amante, parte. *Hunding* persegue-os e alcança-os.

Antes da lucta entre os rivaes, *Siegmund* encontra *Brunnhilde*, a *Walküre*, que lhe annuncia que, morto em combate, elle entrará essa noite, no *Walhalla* destinado aos heroes. Enternecida pelos dois amantes, porem, a *Walküre* desobedece ás ordens dos Deuses, protegendo *Siegmund*. Mas este é vencido e *Brunnhilde* foge, levando, sobre o seu cavallo phantastico, a *Siegling* desmaiada. *Brunnhilde* em castigo da sua desobediencia é encerrada n'um circulo de fogo que só um homem absolutamente destemido poderá atravessar.

Siegfried, filho de *Siegmund* e de *Siegling* forja, com os boccados da espada poderosa de seu pae, uma nova e invencivel espada. Com ella quer *Mime*, o anão, fazel-o matar *Fafner*, o gigante-dragão que guarda o *annel* que o *Nie-*



CETWEWAYO, REI DOS ZULUS, RESTITUIDO AOS SEUS ESTADOS—FELICITAÇÕES DO SEU POVO, EM INTONYANENE

que antes o trouxera. Esse cysne é o duque de Brabante, irmão de Elsa, que os malifícios da feiticeira Ortrude transformaram e que *Lohengrin* faz voltar á sua forma humana. Mas Elsa cae morta de paixão e de saudade em quanto o barco de *Lohengrin* se affasta, na corrente do rio, guiado por uma pomba branca.

•••

Tristão conduz n'um navio a loura *Isolde* de Bretanha que vae desposar Marke rei de Cornouailles.

Tristão e *Isolde* amam-se loucamente sem nunca o haverem um ao outro confessado.

Ao aproximar-se das costas d'Inglaterra *Isolde* decide morrer com o homem que ella adora e bebe, e dá-lhe a beber, o que sópõe ser um veneno, mas que é antes um philtro amoroso que uma criada lhe tem preparado. Uma vez confessado mutuamente o amor que os devora, *Tristão* e *Isolde*, apenas chegados a Inglaterra, são

inimigo dos deuses, rouba o *Ouro do Rheno*; mas Wotan, o Deus supremo do norte, que precisa pagar aos gigantes a construção do *Walhalla*, apodera-se de novo d'esse ouro.

Os gigantes restituem Freya, a deusa da mocidade, de que se haviam apoderado como penhor; o *Nieblung* prophetisa ao mundo as desgraças de que a posse do ouro será causa, e as filhas do *Rheno* choram a perda do seu thesouro:

É este o prologo da grande obra de Ricardo Wagner (*Das Rheingold*).

Siegling, unida, contra sua vontade, a *Hunding*, o caçador selvagem, recolhe uma noite, na casa da floresta, um homem desarmado que os inimigos perseguiram: Este homem é *Siegmund*, irmão de *Siegling*, predestinado para a amar e para ser amado por ella. O Deus Wotan deixou um dia para elle, enterrada até aos copos, no tronco secular do Freixo que sustenta a casa de *Hunding*, uma espada terrivel de que *Siegmund* facilmente se apodera: assim armado, e acompanhado

blung fabricára com o *ouro de Rheno*, — para depois o invenar e apoderar-se elle do talisman.

Um passaro revella os perfidos intentos a *Siegfried* e ensina-lhe onde dorme, rodeada de chammias, e esperando um libertador, a mais formosa das mulheres, *Brunnhilde*, por quem *Siegfried* se apaixona.

As 3 Nornes, que desde toda a eternidade entrelaçam as cordas que representam as existencias, veem partir-se-lhes nas mãos a que representa a vida de Wotan: Desde então ellas annunciam que os Deuses vão morrer.

Entretanto *Siegfried*, deixando a *Brunnhilde*, como penhor de fidelidade, o magico *annel* do *Nieblung*, chega ao palacio do principe Gunther cuja irmã, *Gutrune*, o faz, com um philtro, esquecer a *Walküre* e o obriga a ir-lhe arrancar o *annel*. Repousando nas margens do *Rheno*, *Siegfried* ouve as filhas do rio lendario pedirem-lhe o terrivel *annel*: com um golpe traiçoeiro d'uma lança Hagen, filho do *Nieblung*, mata o heroe da epopeia escandinava, e as populações condu-

zem-n'o sobre o seu escudo, ao som d'uma extraordinaria marcha funebre, a mesma que se executou, ha poucos dias, quando o cadaver de Wagner entrava em Bayreuth.

O corpo de Siegfried é queimado n'uma fogueira colossal onde Brunnhilde se lança tambem...

Então o Rheno inunda os terrenos, sahindo do seu leito, e vem buscar, elle mesmo, o seu anel de ouro. Ao fundo d'esta scena vê-se o palacio dos Deuses e dos heroes, o prodigioso, Walhalla, encendiarse e desaparecer desmoroçado:

É o crepusculo, a extinção dos Deuses, *Götherdämmerung*.

A ultima obra de Ricardo Wagner executada em vida do auctor é o *Parsifal*:

Os anjos confiaram a Titurel a guarda do Santo Calix, o *Santo Graal* de Christo, no castello sagrado de Mont-Salvat nos montes Peryneus.

Amfortas succede a seu pae e, querendo combater o feiticeiro Klingsor, perde, nas mãos d'este, a lança invencivel que ferira Christo na cruz, e recebe d'ella uma ferida que só ella mesma pôde curar.

Parsifal, um simples e puro espirito, propõe-se a conquistar a lança sagrada e resiste, puro ás voluptuosas seducções das mil mulheres formosas de que Klingsor o rodeia em jardins encantados, e chega enfim vencedor ao templo do Santo Graal onde cura Amfortas, succedendo-lhe, como chefe dos cavalleiros guardas das Santas reliquias do Salvador dos homens.

Lohengrin é o filho de *Parsifal*.

V. de D.

A QUESTÃO DO ZAIRE

E O

MAJOR LUIZ QUILLINAN

(Continuado do numero antecedente)

Oriundo de uma familia irlandeza, nasceu o sr. Luiz Quillinan na cidade do Porto pelos annos de 1825.

De tenra idade foi por seus paes mandado para Inglaterra, afim de ahí encetar a sua educação. Voltando a Portugal aos quinze annos matriculou-se na Universidade de Coimbra, no curso juridico, em 1841.

De espirito exaltado, pouco cuidadoso pelo seu futuro, e sempre cubitoso de novidades, abandonou o curso, durante o seu segundo anno, e partiu para Argel, entusiasmado e excitado pelos feitos do exercito francez contra os argelicos e seu emir Ab-del-Kader.

Nada sabemos dos seus combates alli, nem em quaes entrou, é certo, porem, que retirou de Argel por causa das febres que o acometteram.

Visitou então alguns paizes da Europa chegando a Lisboa em outubro de 1846, quando, no dia 6, occorreu o movimento que fez demittir o ministerio presidido pelo duque de Palmella.

No Porto tinha-se levantado a 9 o grito revolucionario, contra o movimento de Lisboa e se organisara logo uma junta governativa.

O governo da capital entendeu dever atalhar o fogo que se levantava no norte, e nomeando o duque da Terceira logar tenente da rainha, n'aquellas provincias, resolveu, para maior brevidade, que elle para alli partisse no vapor *Mindello*.

Luiz Quillinan obteve passagem a bordo desse vapor, e chegando ao Porto, pôde salvar das furias populares dois ajudantes do duque.

Allistando-se no exercito popular serviu, não sabemos em que posto, ás ordens do general Conde das Antas.

Terminada a guerra civil em julho de 1847, pela convenção de Gramido, resolveu-se a concluir o seu interrompto curso de direito.

Em abril 1851, emprehendeu o marechal Saldanha o movimento que ficou conhecido na historia pelo nome de *Regeneração*, Luiz Quillinan apresentou-se no Porto e foi incluído no quadro do exercito, como muitos outros individuos, no posto de alferes, pela grande promoção de 29 desse mez.

N'esse anno concluiu o referido curso. Veio então para Lisboa, como alferes de lanceiros, ás ordens do marechal.

Pelos fins desse anno partiu para França afim de ahí seguir o curso dos officiaes de cavallaria, na escola de Saumur, o qual completou, com distincção, publicando, como prova d'isso uma obra sobre hippologia, que segundo um seu biographo, é bastante apreciada no paiz e no estrangeiro

Tendo regressado a Lisboa, foi em 1854 nomeado addido militar da legação de Paris. Achava-se então viuva uma das damas mais gentis da alta sociedade, a senhora de Murça, viuva do bravo general Conde das Antas. Luiz Quillinan preferiu desposar a elegante condessa, a ir occupar o seu logar em Paris, e passou a servir no regimento de cavallaria n.º 2, lanceiros da rainha.

Pouco tempo depois, tornou a entrar na carreira diplomatica, sendo nomeado 2.º addido ás legações da Suecia e da Dinamarca. Antes porem de partir para Copenhague exerceu inteiramente o logar de secretario da legação de Madrid.

Em 1868 teve que tomar conta da legação de Vienna d'Austria, depois do que foi nomeado primeiro addido, com a graduação de secretario para as legações do Rio de Janeiro, Paris e Roma, nas quaes prestou muitos serviços.

Os paizes onde tem servido, não se têm esquecido de reconhecer o seu merito, especialmente a Italia, onde prestou muitos serviços a subditos italianos, e porisso alem da comenda do Danbrog da Cruz e da Espada, da Dinamarca e Suecia, foilhe conferido o habito de S. Mauricio e S. Lazaro, e o grau de official da coroa de Italia e até o papa o honrou com a comenda de S. Gregorio Magno.

Em 1870, segundo o mesmo biographo chegou a ser proposto para ministro de segunda classe nas cortes da Suecia e Dinamarca, o que se não verificou por ter sahido dos conselhos da coroa o ministro respectivo.

Em uma carta ultimamente publicada queixa-se o illustre official de haverem sido desconhecido os seus serviços, de ter soffrido injustiças e de alguns governos não terem feito para com elle o que deviam: é o documento melhor que Luiz Quillinan pôde apresentar para provar que tem merito. Se o não tivesse seria muito mais feliz e considerado.

Resignando-se de novo ao desempenho das funções de addido militar, nessa qualidade se acha em Londres ha já annos, onde teve já o dissabor de perder sua delicada esposa.

Foi n'esta situação que tendo tido conhecimento do que se passou no parlamento britannico na sessão a que aludimos, que escreveu a carta ao deputado Brighth que entendemos dever registar aqui:

New-Castle on Tyne, 4 de abril de 1883. — Ao sr. Jacob Brighth, M. P. — Casa dos commons, Londres.

Senhor. — A infundada accusação por vós feita, em 3 do corrente, na casa dos commons, não sómente contra o governo portuguez, mas igualmente contra a nação inteira; os insultos que como homem politico irresponsavel, acabas de dirigir a um paiz secular, o qual o sr. Gladstone, o veneravel primeiro ministro da Inglaterra, politica e justamente affirma ter sido, desde longa epoca, um dos mais fieis e mais leaes aliados da Inglaterra, são indignos de um homem politico respeitavel, de qualquer cavalheiro, e sobretudo do filho de um poderoso paiz como é a Gra-Bretanha. Na falta de são argumentos, preferis empregar insultos. Terminaes a accusação contra Portugal dizendo: — Não acredito que um ministro inglez possa collocar a entrada do magnifico paiz o Congo, nas mãos de uma potencia europeia, considerada em bancarrota para possuir, por qualquer qualidade, o mesmo paiz. Esta insustentavel asserção prova-me que vós proprio deveis ser considerado em bancarrota de todos os principios de cortezia; e por isso termino esperando que o vosso descosido e offensivo discurso contra um honesto e illustre povo europeu, cuja fama de valor e de grandes feitos echoo por todo o mundo, muito tempo antes que fossem ouvidos os da Inglaterra, não evitará os dois governos amigos de levar a effeito um equitativo e estavel accordo, respectivo á questão sujeita.

Envio-vos a minha morada em Londres, onde, em poucos dias, poderei dar-vos qualquer explicação que vós desejeis sobre o contheudo d'esta carta.

Sou vosso obdiente servidor,

Major L. de Quillinan.

45, Upper, Gloucester-place, Portman Square—Londres.

(Continua.)

A. B.

O MAJOR JOÃO CARLOS RIBEIRO

E A

SUA COMISSÃO NO CONGO

(Continuado do numero antecedente)

Quando chegaram acharam-n'o assentado debaixo do alpendre da residencia, segundo se vê

em a photographia que hoje reproduzimos, mas exigiu uma garantia da palavra do major. Este pediu ao chefe da missão lhe dissesse que nada tinha que lhe podesse dar como garantia, e quando Ribeiro punha a machina sobre o tripé, Sua Magestade congueza levantou-se repentinamente e retirou-se para dentro de casa, como quem foge.

Ribeiro em signal de despeito mandou dizer a D. Pedro v que se retirava, como fez.

Ou fosse por isto, ou porque as razões do chefe da missão o convencessem, o certo é que, mudando de opinião, o mandou chamar.

O rei resolveu-se finalmente a este sacrificio por causa da promessa de alguns garrações de aguardente, que o major deveria entregar em Noki, a um emissario que de proposito iria com elle para o receber, e de ficar na sua mão como garantia a espingarda do chefe da missão.

D'esta exigencia cedeu depois o rei, não querendo ficar com ella, dizendo *veremos se cumprem*.

O verdadeiro motivo porém da resolução de S. M. foi a chegada n'aquella occasião de um embaixador vindo de Quinga, que disse que o chefe da casa portugueza em Noki mandava a Ribeiro dois garrações de aguardente.

Em vista de tal noticia já não houve mais resistencia; o rei pôz o chapéu armado e prestou-se ao sacrificio deixando-se photographar só.

O dia porém estava muito nublado, caía muito cacimbo quando o rei tornou a deixar-se vêr, a luz era muito escassa e o alpendre da casa voltado para o poente estava pouco esclarecido. Depois sobreveio outra difficuldade; todos os presentes queriam fazer parte do grupo com o rei, dificultando as discussões, a prompta execução da operação, tendo tido o major que inutilisar varias chapas já sensibilizadas por causa das exitações e movimentos.

Como se vê o rei está assentado, a mão esquerda apoia-se n'uma grande espada sem telim; veste uma farda com gallões de tenente, sobre o peito pendem-lhe como escapularios dois gallões terminando em angulo, sobre os hombros, tem uma capa ou manto que lhe vem cair sobre os joelhos, devem ser os taes pannos de veludo, ao pescoço parece ter o habito de Christo e na cabeça ostenta um chapéu armado moderno com um grande penacho que se levanta como uma palmeira, uns cordões de barretina de cavallaria lhe cercam o pescoso, não se sabendo d'onde partem. O seu rosto nutrido, apresenta uns olhos pequeninos, os beiços alguma coisa grossos, mas a expressão da physionomia nem é repugnante, nem desagradavel, antes pelo contrario tem uma certa mansidão.

As noticias que temos representam-o como homem agradável, e de algum bom senso, e que se não fosse a especie de rivalidade e de irresolução em que o colloca a pujança da missão ingleza comparada com a nossa, de certo seria nosso prestantissimo amigo, como a tradição e as boas relações seculares com nosco lhe estão solicitando.

Eis aqui como ainda a aguardente resolveu este grande negocio de Estado, em que o rei teve que consultar a sua familia, os seus magnates, e que tantos dias o trouxe occupado e preocupado.

Parece-nos um negocio simples, mas foi uma das pendencias mais graves que Ribeiro teve a resolver; e tanto que apenas sahiu da residencia do rei, este mandou seu filho D. Pedro á missão ingleza dar parte do succedido, e satisfação de facto tão extraordinario, porque o rei sempre se recusára a ceder a esse pedido que os inglezes por varias vezes lhe haviam feito, talvez com receio de que elles por aquelle motivo cessassem com os costumados presentes.

O embaixador que chegara trouxe carta do chefe da casa portugueza de Noki para Ribeiro, em que lhe dizia que os povos continuavam em guerra, que receava que o fossem hostilisar alli mesmo e que desde 12 de outubro até 4 de novembro não havia permutado fazenda alguma.

Emfim no dia 23 pelas nove horas da manhã deixou Ribeiro, S. Salvador do Congo, depois de se despedir do rei, principes, missionarios etc. Em sua companhia vinha um dos missionarios, que retirava por doente, e os dois carpinteiros; um que devia retirar d'alli e o outro que vinha tomar entrega do resto dos materiaes de construcção, e mais oitenta e tantos negros carregadores.

Duas horas depois da partida, uma grossa chuva que tudo encharcou, os obrigou a demorarem-se uma hora em Vambembo. Esta pequena demora causou o atrazo de um dia na jornada, tendo, por esse motivo, de virem pernoitar ao pequeno e miseravel povo de Láu de que já falamos.

O viajante ainda aqui observou duas notáveis e magníficas penedias que terão 50 a 60 metros de altura. De longe apresentam o aspecto de uma fortaleza, mas vistas de perto semelham duas stalactites gigantes invertidas. O tempo não permitiu a Ribeiro photographar estas duas bellezas naturaes.

Na madrugada de 24 continuaram a marcha, e sem novidade chegaram ao rio Lunda, que ia cheio, não dando vau, tendo sido obrigados a passar pela ponte suspensa atraz descripta, de que a muito custo tirou uma photographia.

Os pretos, sem disciplina, queriam todos passar ao mesmo tempo, e foi com grande difficuldade, que Ribeiro conseguiu que elles obedecessem aos capatazes.

«O primeiro ponto de apoio da ponte junto á margem, diz Ribeiro, tem o taboleiro a quatro metros de altura d'esta, de modo que sendo feita a passagem por este, por dois paus simplesmente, é, alem de difficil, muito demorada a passagem de 60 carregadores, o que me obrigou a ultimar esta á uma hora e meia da tarde, tendo ali chegado ás dez horas.

«Não sei se o grande peso que a ponte supportou, seria a causa d'esta, pouco depois de tudo ter passado, rebentar, ficando o taboleiro na posição vertical apoiado nos braços a jusante.

«N'esta occasião caíram ao rio alguns pretos, sendo um o embaixador que o rei do Congo tinha enviado a Quinga, o qual perdeu a espingarda por lhe cair ao rio.»

Pernoitaram em Congo de Lunda, povo de que Ribeiro tirou duas photographias.

No dia 25 ás seis horas e meia da manhã continuaram o seu caminho. Os pretos das tipoias queriam fugir; para obrigal-os a caminhar foi preciso cercal-os e disparar alguns tiros, e prometter-lhes que se lhes pagariam tres espingardas em lugar de duas como havia sido contratado.

(Continua).

J. B.

O AMIGO VISCONDE

VII

A carruagem parou de repente. O cocheiro pulou da almofada, e veio abrir a portinhola, com o chapéo na mão.

— Que é? perguntou Alvaro surprehendido.

— Estamos no Rocio.

— Ah!

E Alvaro, um pouco pensativo, com o charuto apertado entre os labios, deixou-se ficar um instante indeciso. Depois, tomando uma resolução:

— Olha, segue para o Gremio.

A carruagem subiu pela rua Nova do Carmo, a passo. Ao dobrar para o Chiado, Alvaro bateu com a bengalla nos vidros da frente, e, debruçado na portinhola, recommendou:

— Segue de vagar; e se vires o sr. visconde de Tagilde, pára.

O seu amigo viseconde de Tagilde! Foi poucos mezes depois da emancipação, que elle o conheceu, em Sevilha. Tinha então mudado de vida.

As relações do tempo d'estudante foi-as abandonando e esquecendo pouco a pouco: de longe em longe, encontrava-se na rua com um ou outro condiscipulo, a quem fallava de passagem.

Alguns d'elles, sentindo-se humilhados pelo ar de desprezo com que Alvaro fallava das aulas, classificando de *pulhas* os professores, principiaram a odial-o como a um desertor covarde; e, por isso, quando o viam na roda dos seus novos amigos, á porta do Baltresqui, radiante de alegria, sorrindo ás mulheres que passavam, acenavam-lhe com a cabeça, murmurando:

— Que grande pedaço d'asno!

Sentindo contudo em segredo uma grande inveja, por não poderem fazer justamente a mesma coisa!

Approximava-se a semana santa, quando tres amigos de Alvaro resolveram ir a Sevilha assistir ás festas. Instavam com elle para que fosse tambem; mas Alvaro, indeciso então, evadia-se com desculpas vagas.

— És tolo — disse-lhe um, encolhendo os hombros. — És um tolo! Has de convencer-te que, em quanto não saihes cá do buraco, não vistes nada! não vistes o mundo!

Já em annos anteriores tinha feito essa viagem; e descrevia-a com episodios atrahentes, referindo casos de mulheres, realçando a belleza tentadora das hespanholas, quando passam na rua, envoltas nas suas mantilhas de renda preta, o sorriso nos labios, o leque irrequieto na mão.

— Ah! diabo! — exclamava elle, pondo os olhos em branco, com um tom de voz concupiscente:

— a gente, quando as vê, sente cá por dentro uns farnicoques!...

Outro fallava com entusiasmo das corridas de touros. Imitava a voz dos *chulos*, gritando: *a la Plaza! a la Plaza!* e, na seu humilde opinião, as corridas do campo de Sant'Anna eram uma comedia.

— Tirem-lhe o Mourisca, e verão o que fica! Ali, ao menos — gritava elle, gingando nos quadris e atirando o chapeo para a nuca — uma pessoa, *caramba!* vê o que é um boi e o que é um homem.

E, no calor do seu entusiasmo, posto na frente de Alvaro, erguia os braços, batia as palmas no ar, e gritava:

— Ah! *valiente!*

Alvaro, immovel e mudo, ouvia-os estupefacto. No fim, rendido, resolveu acompanhá-os. Abraçaram-o todos tres com entusiasmo:

— Até que finalmente, homem!

Em Sevilha, á mesa do hotel, foi appresentado ao visconde de Tagilde. O visconde vinha do norte, perseguindo uma franceza, que viajava na companhia d'um rico banqueiro americano. Provavelmente, como estava proximo de Portugal, daria uma chegada até Lisboa.

— É o meu desterro! — dizia elle.

Fallou com supremo desdem de tudo o que era portuguez. Não comprehendia como se podia passar toda a existencia n'um paiz tão detestavel. Elle admittia que se vivesse n'um sertão africano, cercado de pretas; porque ao menos, ali, havia o imprevisito e o pittoresco; mas, realmente, uma cidade como Lisboa... pelo amor de Deus!

Alvaro ouvia-o maravilhado, admirando-lhe ao mesmo tempo a elegancia e o bom gosto da *toilette*. E o visconde, no fim, sorvendo a pequeninos goles o seu *cognac*, continuava, com uma voz pezarosa, a desprestigiar a vida de Lisboa.

— Ha ainda uma maneira de ali se poder viver algum tempo.

— Como? — perguntou logo Alvaro com viva curiosidade.

— É ser-se beato. O Senhor dos Passos da Graça não é de todo máo. Ha mesmo um certo *chic* em ir visital-o ás sextas-feiras.

Alvaro, desapontado, sorria-se da extravagancia. O visconde acrescentou:

— Que, ainda assim, é só um dia na semana... E o culto catholico em Roma é muito superior! oh! muito mais grandioso, como sabe.

(Continúa).

Alberto Braga.

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1849. — Maio, 1. — Primeiro concerto dado em S. Carlos, pelo exímio pianista Oscar Pfeiffer. O terceiro e ultimo n'essa epocha foi em 31 de maio, partindo depois para o Porto.

Em 10 de maio do anno seguinte deu um concerto extraordinario em seu beneficio no theatro de D. Maria II.

Veiu novamente a Lisboa em março de 1881 dando dois ou tres concertos no referido theatro.

1604. — 2. — Morre Duarte Nunes de Leão.

Foi o primeiro historiador que pretendeu negar a verdade da apparição de Christo a D. Afonso Henrique. Foi tambem o maior defensor dos direitos de Filippe de Castella á corôa de Portugal.

Innocencio não sei com que fundamento assignalou a data da sua morte em 1608.

1404. — 3. — Morre com 80 annos de idade o famoso jurisconsulto João das Regras. Jaz no convento de S. Domingos de Bemfica em uma sepultura de mormore junto á porta d'entrada do lado direito.

1845. — 4. — Representa-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos a opera de Donizetti *D. Sebastião*, libreto de Scribe, desempenhado pela Rossi-Cacia, Zoboti, Santi, Samathey, etc.

Foi recebida friamente. Já em 14 de dezembro de 1844 havia sido representada por amadores na *Assembléa Philarmonica*.

Em Paris foi representada pela primeira vez em 22 de outubro de 1843 obtendo enorme successo.

1874. — 4. — Morre em Lisboa o notavel escriptor economista Jose de Torres.

1632. — 5. — Morre no convento de S. Domingos de Bemfica o primoroso escriptor Frei Luiz de Sousa conhecido no seculo pelo nome profano de Manuel de Sousa Coutinho.

Escreveu a *Historia de S. Domingos, a Vida*

de Freire Bartholomeu dos Martyres e os Annaes de D. João III.

Alguns escriptores marcam a data do seu passamento no dia 11 do referido mez.

1834. — 6. — Morre em Sarzedas perto da Villa das Caldas da Rainha, o illustre publicista portuguez José Accursio das Neves.

Contava perto de 68 annos de idade, por ter nascido em 11 de dezembro de 1766 na villa de Feijão (Coimbra).

1800. — 7. — Estabelece-se a pequena posta na capital e outras terras de 1.^a ordem. Cria-se o emprego de *portadores* depois chamados *carteiros*.

A entrega das cartas nos domicilios era retribuida, recebendo o portador cinco réis por cada carta cuja taxa não excedesse a 40 réis e dez réis pelas que excedessem.

Esta importante réforma foi devida ao superintendente geral dos correios José Diogo de Mascarenhas Netto.

1881. — 8. — Inauguração do monumento a Camões, em Coimbra, na avenida de Camões.

Os festejos duraram tres dias e foram dos mais brilhantes que se tem visto n'aquella cidade.

1880. — 9. — Inauguração do *Coliseo de Lisboa* no antigo circo de Price, com um grande concerto de orchestra feito pela *Associação 24 de julho* e dirigido pelo professor Langenbach.

1785. — 10. — A academia Real das Sciencias propõe entre os assumptos postos a premio, uma tragedia portugueza.

Apparecem tres: *D. Maria Telles, Lauso e Osmia*, sendo o auctor d'esta ultima anonymo.

O premio que era de 200\$000 réis foi arbitrado ao auctor da *Osmia*, premio que teve de ser destinado (conforme a expressa determinação do desconhecido auctor, dado o caso da sua produção ser premiada) á melhor memoria que apparecesse para curar a ferrugem das oliveiras.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... terceiro anno setima serie... 1883 David Corazzi, editor, *Empreza Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro. Administração: 40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 40, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro. Numero 51 Calor, texto illustrado com 25 gravuras e adquado ao programma do Curso Geral dos Lyceus.* Este estudo comprehende um dos capitulos mais importantes da physica, por ser o calor o resultado de um modo particular de movimento da materia, como hoje se define. Os phenomenos a que dá logar este agente, as suas influencias nos seres vivos ou nos corpos inorganizados, a sua acção em todo o movimento e revoluções da natureza é um estudo que interessa sobremaneira a todo o homem. — O numero 52 trata do *Mar*; essa grande massa de agua que occupa no globo terrestre maior superficie que a terra, que segundo uma lenda pelasgica é o pae de todas as coisas, merece effectivamente uma menção especial. O mar é um mundo pequeno onde se agitam uma quantidade de seres vivos de infinita variedade e tamanho, é n'elle que se geram preciosidades que o mundo aproveita, é elle um meio poderosissimo de desinvolvimento da natureza e representa um papel importante na economia da terra, considerada de todas as maneiras. A sua divisão em mares inter-

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Ao pé de preto não se espirra.

nos e externos, em golfos, estreitos, bahias, enseadas etc. forma um estudo necessario e importante. N'este opusculo escaparam umas inexactidões na introdução: diz-se que os animaes fabulosos, as sercias, tinham corpo de mulher na parte superior, e o resto de ave, quando se devia dizer de peixe, e bem assim quando falla do nosso romance popular a *Nau Cathrineta*, que não tem a extensão de uma lenda, nem é navio enorme condemnado a eterna navegação, pois n'elle se descrevem as peripecias d'uma navegação perigosa que durava mais de um anno, mas a nau chega a Portugal e á noite a nau cathrineta estava em terra a varar.

A VIDA DAS FLORES, por Alphonse Karr e Taxile De-lord, traduzida por uma sociedade litteraria sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior, David Corazzi, editor, Lisboa. Já estão publicados os fasciculos 1 e 2 d'esta interessante obra que é um encanto para os olhos e para o espirito. A edição é esmerada e os chromos que acompanham cada fasciculo são muito bonitos. Este livro depois de concluido é um perfeito adorno para uma sala, e o modo de adquirir esta esplendida obra é extremamente facil, pois que o seu editor a poz ao alcance de muitos dividindo-a em entregas de fasciculos pela modica quantia de 200 réis cada um.

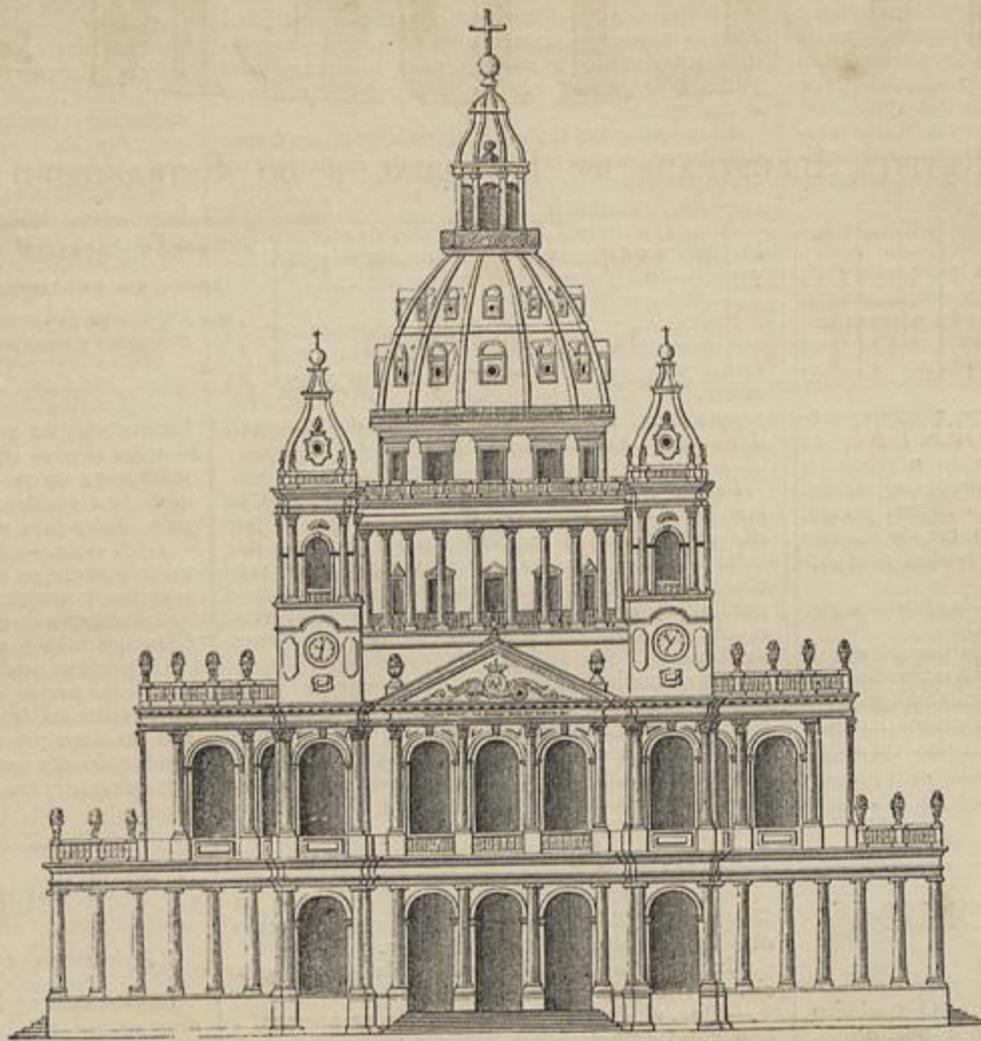
DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, illustrado etc. redigido pelos principaes escriptores e editado por Henrique Zeferino de Albuquerque

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, por Eduardo Freire de Oliveira, 12.º fasciculo. Conclue-se com o imposto do terreiro, sua importancia, legislação, e construção do edi-

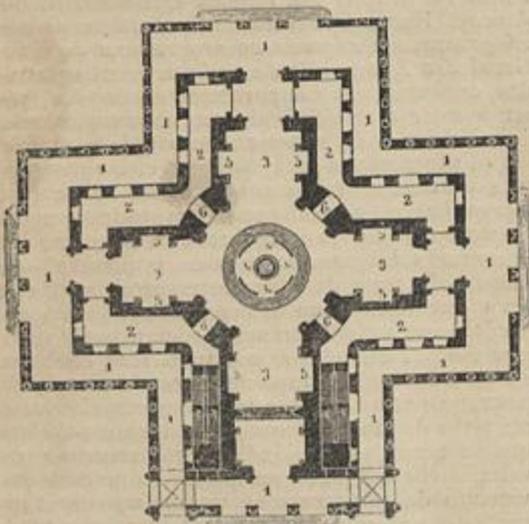
mento da soberania de Portugal, e expedições relativas áquelle ponto pelos brigues de guerra *Corimba* em 1853, brigue *Villa Flor* e lancha *D. Fernando* em 1855; em 1859 pela corveta *Goa*, que teve a commissão de fazer collocar novo padrão no sitio, onde Diogo Cam em 1484 tinha levantado aquelle que attestava o seu descobrimento, e que fôra destruido, e em 1869 pela corveta *Sagres* e canhoneira *Guadiana*, serviços todos que provam o nosso direito, como sempre a nossa posse e dominio foram reconhecidos e sustentados n'aquellas regiões, e como os estrangeiros ali estabelecidos recorreram sempre á nossa protecção, por não poderem nem deverem solicitar outra. Ha ainda uma noticia das *Aguaes thermaes do Fayal* e outors documentos sobre a emigração.

VITA ITALIANA, periodico illustrado de Turim, em que se dão muitas noticias interessantes artisticas, litterarias, estatisticas, etc.

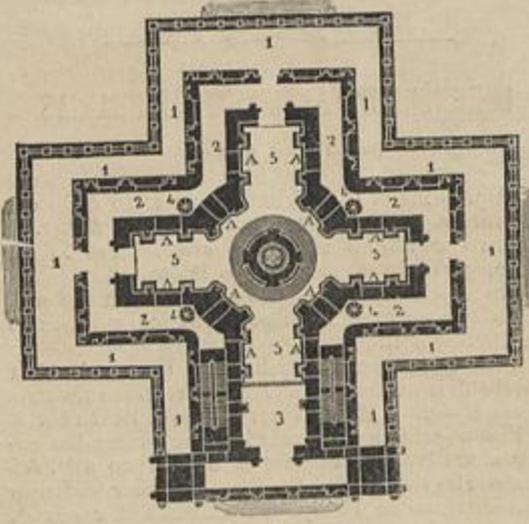
LES MATINÉES ESPAGNOLES, nouvelle revue internationale européenne par Mr. le baron Stock... n.º 8 y 9 — 16 y 24 mars, 1883 (sic)... Madrid, Caron Stock Calle Montalban, 2, vente au numéro chez Baillière, place Santa Ana, chez Fè, 2, car-rera San Jeronimo etc. Encerra este duplo numero; *Un félibre irlandais* (suite) por A. Roque Ferrier; *Le panier percé* (fin) por Armand Durantin; *Millevoje* (suite) por Paulo Lacroix bibliophile Jacob; *Le grand Galeoto*; drama d'Echegaray, continuação da tradu-



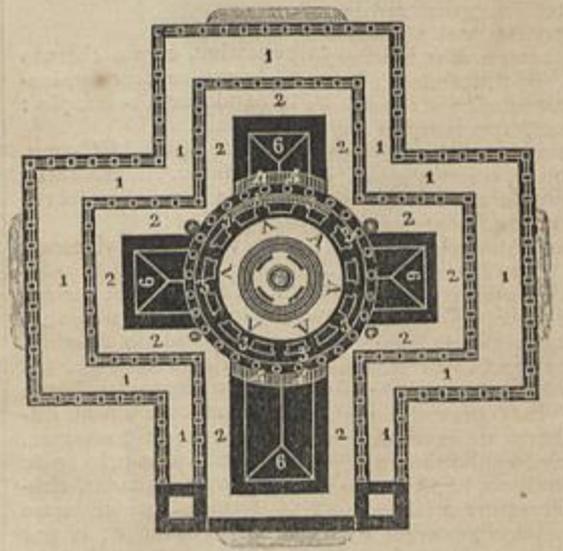
ALÇADO PRINCIPAL



Planta do 1.º pavimento



Planta do 2.º pavimento



Planta ao nível da 1.ª galeria do zimbório

PROJECTO DA CAPELLA — MONUMENTO Á IMMACULADA CONCEIÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA NO MONTE SAMEIRO — SUBURBIOS DE BRAGA

que, Lisboa. Fasciculos 46, 47 e 48 pertencentes já ao 2.º vol. que vaé sahindo á luz com toda a regularidade.

A MODA, publicação trimensal, illustrada com figurinos em phototypia e offerecida aos consumidores e revendedores da real e imperial chapellaria a vapor de Costa Braga & Filhos, Porto. Esta publicação honra muito os seus auctores e a industria portugueza.

O MARQUEZ DE POMBAL, commemoração do primeiro centenario da sua morte, pelo Gabinete portuguez de Leitura em Pernambuco. Recife, typographia industrial, Rua do Imperador, n.º 14 — 1882 — 8.º de 174 — CIX paginas, sendo as ultimas uma colleção de documentos. Estudo regularmente feito e que pertence á colleção dos trabalhos d'aquella celebração patriótica.

ficio proprio; trata-se do *Marco dos Navios*, imposto antiquissimo de um marco de prata por cada navio que entrava no porto, cuja origem se não conhece mas já existia em tempo de D. João I, e é provavelmente muito anterior, e começa-se a historia do outro importante imposto chamado do *Real d'agua e realete*, a que estavam sujeitos o vinho, carnes e aguardente.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, fundada em 1875, Lisboa, Imprensa Nacional. E' o n.º 7 da 3.ª serie e comprehende 64 pag. de documentos e em numeración separada a discussão havida na Sociedade de Geographia com relação ao caminho de ferro de Ambaca. Encerra primeiro uma serie de documentos relativos ao commercio de Ponta da Banana na foz do Zaire, castigo de um regulo indigena, tratado, convenções com os principes confinantes, reconhec-

ção pela mesma sr.ª de Rute (*Ratazzi*) — *Le cousin Basilio*, romance d'Eça de Queiroz, continuação da traducção pela mesma senhora; *Courrier de Lisbonne* pela senhora Guiomar Torresão; *Bavardages parisiens* pelo barão Rovarlasa; *Gaspar Nunes de Arce*, o celebre litterato, presidente da Associação dos Escriptores e Artistas de Hespanha, hoje ministro das Colonias de Hespanha, com retrato lithographico; *M.ª de la Mariée* por Vercousin; *Un rêve* por Carrie; *Bulletin de l'extérieur* por Andrés Borrego *Le parlement espagnol*, chronica politica, assignada por L. R. (Luiz de Rute).

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thezuro Velho, 6